



Ensino Superior: Transições e desafios de entrada e saída. Estudos na Universidade dos Açores

Higher education: Transitions and challenges of entrance and exit. Studies at the University of the Azores

Áurea Sousa*, Suzana Nunes Caldeira**, Osvaldo Silva**, Maria Mendes***, Maria José D. Martins****

*Universidade dos Açores, CEEAplA, **Universidade dos Açores, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc, ***Universidade dos Açores, GaPEOS, ****Instituto Politécnico de Portalegre, UIDEF-IEUL, CIEP-UE

Resumo

A entrada para o Ensino Superior, a sua saída e as perspetivas de entrada no mercado de trabalho comportam desafios. Os jovens veem-se confrontados com a necessidade de ingressarem num mundo mais competitivo, onde as competências pessoais e interpessoais se afiguram tão importantes quanto as técnico-científicas. Pretende-se aferir se a frequência do Ensino Superior, por parte dos estudantes de uma universidade Portuguesa, contribuiu para que estes se ajustem a fatores de stress e a desafios do quotidiano. Procura-se, ainda, aferir se o grupo etário, a geração de universitários e a situação face ao emprego são fatores diferenciais para a resiliência.

Palavras chave: Ensino Superior, resiliência, transição para o mundo do trabalho.

Abstract

The entrance to higher education, its exit and the prospects of entry into the labor market constitute new challenges for the students. University students are confronted with the need to enter in a competitive world, where personal and interpersonal skills are as important as the technical-scientific ones. It is intended to assess whether the attendance of higher education, by the students of a Portuguese university, has contributed to their adjustment to stress factors and daily challenges. We also intend to assess whether the age group, the generation of university students and the employment situation are differential factors for the resilience.

Keywords: Higher education, resilience, transition to world of work.

Introdução

Se a entrada para o Ensino Superior é uma etapa repleta de novidades e desafios de ajustamento (e.g., Araújo, Santos, Noronha, Zanon, Ferreira, Casanova & Almeida, 2016), a saída do Ensino Superior e a expectativa de entrada no mercado de trabalho também comportam reptos de elevada exigência. A transição da universidade para o mercado de trabalho consiste num processo em que o jovem procura descortinar possibilidades profissionais existentes no campo de

interesses que definiu e experienciar-se nessas possibilidades, enquanto desempenha, simultaneamente, outros papéis na vida, aos quais também tem de se ajustar (Super, Savickas & Super, 1996). Por sua vez, o mercado de trabalho é complexo, dinâmico e veloz nas solicitações que coloca, e exigente nos conhecimentos e competências a que apela. A valorização dos conhecimentos e capacidades técnicas, ou *hard skills*, já não basta. Importa, também, a aquisição de *soft skills* ou competências comportamentais e sociais do indivíduo.

Nesta transição do Ensino Superior para o mercado de trabalho, os jovens veem-se confrontados com a necessidade de saírem da sua zona de conforto, isto é, de um sistema que já conheciam, e ingressarem num outro mundo volátil e competitivo, onde as competências comportamentais e sociais se afiguram tão ou mais importantes do que as técnico-científicas. Na verdade, a satisfação com a formação alcançada e a aquisição de capacidades, tais como as de definir objetivos, encontrar soluções para problemas, ultrapassar obstáculos, gerir conflitos, identificar redes de suporte, trabalhar em equipas multidisciplinares (Sousa & Gonçalves, 2016), e a de sobressair em momentos de pressão, conseguindo tirar o melhor proveito do seu capital pessoal (Teixeira & Santana, 2015), são exemplos de *soft skills* que estarão em paralelo com os conhecimentos da área específica adquiridos no trajeto de educação formal, e são bons preditores para o ingresso no mercado de trabalho e para a adaptabilidade neste (Gamboa, Paixão & Palma, 2014).

A precariedade e o desemprego geram efeitos psicológicos na população atingida, além de efeitos económicos nos rendimentos das famílias. Em pleno século XXI, o trabalho continua a ser uma referência central e estruturante da economia e da vida em sociedade. Contudo, com as aceleradas transformações resultantes da evolução tecnológica e das sucessivas crises económicas, o mundo do trabalho tem mudado substancialmente, assistindo-se nas últimas décadas a uma mudança de olhar sobre a realidade do trabalho,

que passa a ser visto sob o prisma do emprego (Freire, Rego & Rodrigues, 2014). Assim, ao estudante finalista, nos dias de hoje, solicita-se uma série de “novas habilidades para a empregabilidade” (Lassance & Sparta, 2003, p.16). Porém, estas parecem ainda não estar a ser objeto de atenção por parte das instituições formadoras. A tónica da formação aparenta manter-se no âmbito das competências técnico-científicas e a responsabilidade pelo desenvolvimento de competências pessoais e interpessoais tem ficado, sobretudo, a cargo do indivíduo (Teixeira & Gomes, 2004). Provavelmente, esta será uma das razões por que se continua a afirmar que as instituições de formação não estão a preparar devidamente os estudantes para o ingresso no mundo laboral, ideia que já se encontrava num texto de 1999 de Lent, Hackett e Brown.

As competências referidas acima podem ser desenvolvidas, nomeadamente a relativa à capacidade de um indivíduo, face a tensões, adversidades ou convivência com a incerteza, manter uma atitude positiva, descortinar formas originais de solucionar situações e ter respostas adaptativas (McAllister & McKinnon, 2009). Fala-se, neste caso em concreto, de resiliência, a qual é parte da identidade de trabalho do indivíduo (Viana, 2016).

Neste enquadramento, a questão principal que se coloca, neste trabalho, é se a vivência do Ensino Superior na Universidade dos Açores permite e/ou facilita o desenvolvimento da capacidade do indivíduo se ajustar a fatores de stress, a desafios do quotidiano e a situações de incerteza, potencialmente ameaçadoras, saindo delas ileso ou mesmo robustecido (Grotberg, 1995). Trata-se de uma área de investigação com antecedentes ainda pouco expressivos nesta Instituição de Ensino Superior, e por isso procura-se, essencialmente, uma primeira abordagem ao tema em estudantes desta universidade, avaliando-se o interesse e a possibilidade de uma pesquisa mais completa. Para o efeito, analisam-se as respostas de estudantes à entrada e à saída do 1.º ciclo de estudos. Complementarmente, procura-se aferir se o grupo etário, a geração de universitários (ter ou não pelo menos um dos pais com o Ensino Superior) e a situação face ao emprego são fatores diferenciais para a resiliência.

Procedimentos metodológicos

A amostra é constituída por 236 estudantes, 69.1% do 1.º ano e 30.9% do 3.º ano da Universidade dos Açores, que responderam a um questionário que inclui a Escala de Resiliência (ER), adaptada para a população portuguesa por Oliveira e Machado, em 2011. Esta escala é constituída por 25 itens, mensurados numa escala tipo Likert de 1 - Discordo Totalmente a 7 - Concordo Totalmente, os quais são distribuídos equitativamente por cinco fatores: Competência Pessoal (CP), Autodisciplina (Adisc), Autonomia (Aut), Resolução de Problemas (RP) e Otimismo (O). Para além disso, consideram-se dados pessoais e da sua trajetória académica no Ensino Superior, como variáveis complementares da análise, cujas designações e

respetivas categorias podem ser encontradas na Tabela 1, na secção denominada de Principais resultados.

Os dados foram analisados utilizando diversos métodos estatísticos, de onde se destacam o teste de Mann-Whitney, o teste de Kruskal-Wallis, o teste de Dunn e o método não hierárquico das *k*-médias.

Principais resultados

A Tabela 1 contém os valores da mediana, da média e do desvio padrão (DP) das pontuações obtidas na ER, na amostra global e em algumas subamostras da mesma.

Tabela 1.
Algumas estatísticas referentes às pontuações da ER

	Ano			Faixa etária (anos)	
	Total	1º ano	3º ano	25 ou menos	26 ou mais
Mediana	134	134	134	134	145
Média	131.89	132.22	131.18	131.61	137.22
DP	19.897	19.212	21.371	19.419	24.107
	Geração de universitários		Situação face ao emprego		
	Primeira	Contínua	Só estuda	Tempo parcial	Tempo inteiro
Mediana	134	136	134	141	151.5
Média	131.56	132.76	131.21	132.35	151.83
DP	20.205	19.414	18.583	29.703	11.923

Os estudantes inquiridos apresentaram, em geral, níveis satisfatórios de resiliência (valores da média e da mediana das pontuações obtidas na ER superiores ao ponto médio (100) do intervalo de variação da mesma, [25, 175]), tanto na amostra global, como nas subamostras definidas pelas categorias das variáveis “Ano do curso”, “Faixa etária”, “Geração de universitários” e “Situação face ao emprego”, conforme pode ser observado a partir da Tabela 1.

Os resultados apontam para a inexistência de diferenças significativas entre as pontuações totais obtidas na ER à entrada (1º ano) e à saída (3º ano) do 1º ciclo de estudos do Ensino Superior, o mesmo se verificando relativamente às suas subescalas, assim como em relação a cada um dos itens que a compõem ($p>0.05$). Desta forma, a frequência do 1º ciclo de estudos do Ensino Superior não se afigura como um fator diferencial, pelo menos a curto prazo, para o desenvolvimento da resiliência.

Embora os valores da mediana e da média das pontuações totais da ER sejam mais elevados no caso dos inquiridos com “26 anos ou mais”, conforme mostra a Tabela 1, utilizando o teste de Mann-Whitney, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes com “25 anos ou menos” e os com “26 anos ou mais” ($p>0.05$), o mesmo se verificando no caso das subescalas Adisc, Aut e O. No entanto, verificaram-se diferenças significativas entre estes dois grupos de estudantes no que se refere às pontuações obtidas nas subescalas CP ($U=1471.5$; $p=0.048$) e RP ($U=1530.5$; $p=0.028$), sendo as médias

das ordens (MR) mais elevadas no caso dos estudantes com “26 anos ou mais”, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2.

Teste de Mann-Whitney: Média das ordens das pontuações obtidas nas subescalas CP e RP, segundo a faixa etária

Subescalas	Faixa etária	MR
CP	25 anos ou menos	108.32
	26 anos ou mais	137.92
RP	25 anos ou menos	110.47
	26 anos ou mais	143.12

Deste modo, a faixa etária constitui-se como um fator diferencial a nível do desenvolvimento da resiliência, sobretudo nas vertentes das competências pessoais e da resolução de problemas.

No respeitante à geração de universitários na família, embora os valores da mediana e da média das pontuações totais da ER, na amostra, sejam ligeiramente mais elevados no caso dos inquiridos que pertencem à geração contínua (Contínua), conforme mostra a Tabela 1, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes da primeira geração e os da geração contínua a nível das pontuações obtidas na ER e nas suas subescalas.

Já no que respeita à “Situação face ao emprego”, o teste de Kruskal-Wallis apontou para a existência de diferenças significativas entre pelo menos dois dos grupos de estudantes, definidos pelas categorias desta variável, no que se refere à ER ($H=8.40$; $p=0.015$) e a três das suas subescalas: CP ($H=10.78$; $p=0.005$); Adisc ($H=7.29$; $p=0.026$); e Aut ($H=6.26$; $p=0.044$), apresentando-se na Tabela 3 as médias das ordens.

Tabela 3.

Teste de Kruskal-Wallis – Média das ordens das pontuações obtidas na ER e nas suas subescalas CP, Adisc e Aut, segundo a “Situação face ao emprego”

Escala/ Subescalas	Situação face ao emprego	MR
ER	Só estuda	105.95
	Emprego a tempo parcial	123.38
	Emprego a tempo inteiro	176.75
CP	Só estuda	108.46
	Emprego a tempo parcial	132.55
	Emprego a tempo inteiro	182.21
Adisc	Só estuda	110.33
	Emprego a tempo parcial	129.38
	Emprego a tempo inteiro	172.14
Aut	Só estuda	112.82
	Emprego a tempo parcial	126.22
	Emprego a tempo inteiro	173.71

O teste de Dunn permitiu concluir que as diferenças significativas a nível das pontuações da ER e destas três subescalas ocorreram entre os estudantes que só estudam e os que têm emprego a tempo inteiro ($0.01 < p \leq 0.05$), verificando-se que os que trabalham a

tempo inteiro pontuaram tendencialmente mais na ER e nestas três subescalas da ER, conforme mostram as Tabelas 1 e 3. Assim, estes resultados evidenciam que os estudantes que têm emprego a tempo inteiro tendem a ter níveis de resiliência mais elevados, sobretudo a nível das vertentes das Competências Pessoais, da Autodisciplina e da Autonomia.

Com vista a agrupar os estudantes de acordo com os seus níveis de resiliência, aferidos com base nas pontuações obtidas nas cinco subescalas da ER, de forma a se caracterizar os indivíduos dos diferentes grupos com base nas variáveis de índole pessoal e académico, já referidas, foi aplicado o método não hierárquico das *k*-médias, considerando uma partição dos estudantes em três classes (*clusters*), C1, C2 e C3, que incluem, respetivamente, 17.4%, 39.4% e 43.1% dos inquiridos.

Os valores da média e do desvio padrão das pontuações obtidas nas cinco subescalas da ER, respeitantes aos três grupos, são apresentados na Tabela 4. Importa referir que os *clusters* obtidos estão associados a três perfis de estudantes, cujas características são apresentadas nas Tabelas 4 e 5.

Tabela 4.

Média e desvio padrão das pontuações obtidas nas subescalas da ER, segundo os clusters

	CP	Adis	Aut	RP	O
<i>Cluster C1</i>					
Média	33.95	25.03	17.37	13.29	10.66
DP	6.004	4.913	3.766	2.884	2.441
<i>Cluster C2</i>					
Média	45.21	32.08	21.23	16.69	11.63
DP	3.471	3.330	2.905	1.861	2.841
<i>Cluster C3</i>					
Média	55.80	36.81	24.59	18.00	14.09
DP	3.512	3.038	2.434	1.940	3.555

Tabela 5.

Descrição dos indivíduos pertencentes aos clusters

	Ano		Faixa etária (anos)		
	1º ano	3º ano	25 ou menos	26 ou mais	
C1	71.1%	28.9%	94.4%	5.6%	
C2	64.0%	36.0%	94.1%	5.9%	
C3	69.1%	30.9%	88.2%	11.8%	
	Geração de Universitários		Situação face ao emprego		
	Primeira	Contínua	Só estuda	Tempo parcial	Tempo inteiro
C1	76.3%	23.7%	89.5%	10.5%	0.0%
C2	77.9%	22.1%	93.0%	5.8%	1.2%
C3	75.0%	25.0%	83.0%	11.7%	5.3%

Os *clusters* distinguem-se, essencialmente, do seguinte modo:

Cluster 1 - Estudantes com pontuações mais baixas nas cinco subescalas da ER, incluindo maioritariamente os estudantes que só estudam (89.5%). É este o grupo que inclui uma maior proporção de estudantes do 1º ano (71.1%) e com “25 anos ou menos” (94.4%), comparativamente aos restantes *clusters*.

Cluster 2 - Estudantes com pontuações intermédias nas cinco subescalas da ER, sendo este o *cluster* que inclui uma maior proporção de estudantes que só estudam (93%), comparativamente aos *clusters* 1 (89.5%) e 3 (83%).

Cluster 3 - Estudantes com pontuações mais elevadas nas cinco subescalas da ER, sendo este o *cluster* que apresenta uma maior proporção de estudantes com “26 anos ou mais” (11.8%) e de estudantes na situação de trabalho a tempo inteiro ou a tempo parcial (17%) comparativamente aos outros *clusters*.

Considerações finais

Face aos resultados obtidos neste estudo, a frequência do Ensino Superior não se afigura como um fator diferencial para o desenvolvimento da resiliência, quer enquanto experiência direta, isto é, enquanto aluno do Ensino Superior, quer enquanto experiência vicária, isto é, ter pelo menos um dos pais com formação a nível do Ensino Superior. Tal pode significar que o ambiente educacional ainda está sobretudo orientado para experiências transmissivas, as quais, por si só, não aumentam significativamente as oportunidades de transição e sobrevivência no local de trabalho. Importa que o contexto educacional providencie fatores de proteção, no âmbito dos quais se destacam a orientação para o aluno, expectativas positivas acerca dele, ambientes de aprendizagem positivos e uma comunidade social forte com relacionamentos muito solidários entre pares (McAllister & McKinnon, 2009).

No que se refere ao nível etário, verificaram-se diferenças significativas entre os estudantes com “25 anos ou menos” e os com “26 anos ou mais” a nível das pontuações obtidas nas subescalas CP e RP da ER, sendo de salientar que essas pontuações são tendencialmente mais elevadas no caso dos estudantes com 26 anos ou mais. Parece assim, que a aprendizagem de competências comportamentais e sociais permanece como sendo da responsabilidade do indivíduo (Teixeira & Gomes, 2004), à medida que o passar do tempo e o avançar da idade o vão fazendo enfrentar eventuais contrariedades relativas à vida em geral.

No que se refere à situação face ao emprego foram registadas diferenças significativas entre os estudantes que só estudam e os que têm emprego a tempo inteiro a nível das pontuações obtidas na ER e nas suas subescalas CP, Adisc e Aut, sendo de salientar que os que trabalham a tempo inteiro pontuaram tendencialmente mais na ER e nestas três subescalas da ER, afigurando-se assim a situação face ao emprego como um fator diferencial para a resiliência. Este resultado é interpretado de modo análogo ao anterior, parecendo que as experiências de trabalho ativaram nos

indivíduos condições de enfrentamento e superação dos desafios de modo a deles saírem ilesos ou robustecidos (Grotberg, 1995).

Em síntese, os resultados sugerem que o avançar da idade e a transição para o mundo do trabalho (“Situação face ao emprego”) são fatores mais diferenciais no que se refere à resiliência do que a frequência de um curso superior. A comparação das características dos indivíduos integrados em cada um dos três *clusters*, com base nas variáveis consideradas nesta investigação, sugere que há outras variáveis que diferenciam os indivíduos mais resilientes dos restantes, aspeto que merece ser estudado, pois, se por um lado se vive num mundo do trabalho sem fronteiras, marcado pela tecnologia, pelo avanço científico e pela inovação, o que pode oferecer inúmeras oportunidades, por outro lado atravessa-se uma época de multifuncionalidade, de trabalho flexível, temporário e informal, de ritmo intenso e acelerado, e de relações instáveis e competitivas. É, então, fundamental que o indivíduo desenvolva e mantenha uma atitude positiva face aos desafios e eventuais contrariedades relativas ao trabalho e tenha respostas adaptativas face às dificuldades e obstáculos encontrados. É, igualmente, importante clarificar como é que as instituições de formação podem contribuir para o desenvolvimento deste tipo de competências.

Referências

- Araújo, A. M., dos Santos, A. A., Noronha, A. P., Zanon, C., Ferreira, J. A., Casanova, J. R., & Almeida, L. S. (2016). Dificuldades antecipadas de adaptação ao ensino superior: um estudo com alunos do primeiro ano. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 3(2), 102-111. <https://doi.org/10.17979/reipe.2016.3.2.1846>
- Freire, J., Rego, R., & Rodrigues, C. (2014). *Sociologia do trabalho: Um aprofundamento*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gamboa, V. M., Paixão, O., & Palma, A. I. (2014). Adaptabilidade de carreira e autoeficácia na transição para o trabalho: O papel da empregabilidade percebida - Estudo com estudantes do ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 48(2), 133-156.
- Grotberg, E. (1995). *A guide to promoting resilience in children: strengthening the human spirit*. Oakland: Bernard Van Leer Foundation.
- Lassance, M. C. P., & Sparta, M. (2003). A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 13-19.
- Lent, R. W., Hackett, G., & Brown, S. D. (1999). A social cognitive view of school-to-work transition. *The Career Development Quarterly*, 47(4), 297-311.
- McAllister, M., & McKinnon, J. (2009). The importance of teaching and learning resilience in the health disciplines: A critical review of the literature. *Nurse Education Today*, 29, 371-379. doi:10.1016/j.nedt.2008.10.011

- Oliveira, M. F., & Machado, T. S. (2011). Tradução e validação da Escala de Resiliência para Estudantes do Ensino Superior. *Análise Psicológica*, 29(4), 579-591.
- Sousa, E., & Gonçalves, C. (2016). Satisfação com a formação superior e transição para o trabalho. *Revista de Psicología*, 25(1), 1-20. <http://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2016.41690>
- Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. Em D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development*. (3. ed.) (pp. 121-178). San Francisco: Jossey-Bass.
- Teixeira, L. F. L., & Santana, L. C. (2015). Um olhar sobre a resiliência na visão de gestores e colaboradores. *Revista de Iniciação Científica – RIC Cairu.*, 2(1), pp. 14-32. ISSN 2258-11
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2004). Estou me Formando... E Agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 47-62.
- Viana, F. M. F. M. (2016). *Traços de personalidade, crenças de carreira e empregabilidade em estudantes do ensino superior*. (Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia-Universidade de Lisboa). URI: <http://hdl.handle.net/10451/27674>